



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
(SESSÃO CONJUNTA)

ANO LXIV - Nº 25 - SEXTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO DE 2009 - BRASÍLIA-DF

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

Presidente

Senador **JOSÉ SARNEY** – PMDB-AP

1º Vice-Presidente

Deputado **MARCO MAIA** – PT-RS

2º Vice-Presidente

Senadora **SERYS SLHESSARENKO** – BLOCO PT-MT

1º Secretário

Deputado **RAFAEL GUERRA** – PSDB-MG

2º Secretário

Senador **JOÃO VICENTE CLAUDINO** – PTB-PI

3º Secretário

Deputado **ODAIR CUNHA** – PT-MG

4º Secretário

Senadora **PATRÍCIA SABOYA** – PDT-CE

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 28ª SESSÃO CONJUNTA (SO- LENE), EM 5 DE NOVEMBRO DE 2009	
1.1 – ABERTURA	
1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO	
Destinada a comemorar o Dia Nacional da Cultura.	04286
1.2.1 – Execução do Hino Nacional	
1.2.2 – Fala da Presidência (Deputado Mar- co Maia)	
1.2.3 – Oradores	
Senador Cristovam Buarque.....	04288
Deputado Otávio Leite	04289
Senador Mão Santa	04291
Sr. Juca Ferreira (Ministro de Estado da Cul- tura)	04293
Deputado Rodrigo Rollemberg	04297
1.3 – ENCERRAMENTO	

Ata da 28ª Sessão Conjunta (Solene), em 5 de novembro de 2009

3ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

Presidência dos Srs. Marco Maia e Cristovam Buarque

(Inicia-se a sessão às 11 horas e 38 minutos e encerra-se às 13 horas e 9 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Declaro aberta a sessão solene do Congresso Nacional destinada a comemorar o Dia Nacional da Cultura.

Convido para compor a Mesa o Exmº Sr. Ministro da Cultura, Juca Ferreira (*palmas*); o Ilmo Sr. Sérgio Mamberti, Presidente da Fundação Nacional de Artes — FUNARTE (*palmas*); e a Ilma Srª Sandra de Sá, cantora que representa a classe artística. (*Palmas*).

Convido todos a ouvirem, de pé, o Hino Nacional.

(É executado o Hino Nacional.)

(Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Exmº Ministro da Cultura, Sr. Juca Ferreira, Srªs. Deputadas e Srs. Deputados, Srªs. Senadoras e Srs. Senadores, cidadãos e cidadãos que assistem a esta sessão conjunta do Congresso Nacional, minhas cordiais saudações.

O Presidente José Sarney me incumbiu desta responsabilidade hoje, de coordenar esta importante sessão solene que visa homenagear a nossa cultura.

Quero também agradecer e cumprimentar o Deputado Odair Cunha e a Senadora Serys Slhessarenko, que, junto comigo, propuseram esta sessão solene do Congresso Nacional, exatamente com esta finalidade, de comemorar neste dia 5 de novembro o Dia Nacional da Cultura.

A instituição do dia 5 de novembro como a data em que homenageamos a Cultura brasileira faz referência ao nascimento, em 1849, de um dos mais conhecidos e ilustres brasileiros: Rui Barbosa. Além de ter elevado o nome do Brasil no cenário da diplomacia internacional, Rui Barbosa também figurou entre os membros fundadores da nossa Academia Brasileira de Letras. Portanto, ao mesmo tempo em que saudamos, a cada 5 de novembro, a Cultura nacional, também reverenciamos a memória do célebre Águia de Haia.

Entretanto, senhoras e senhores, tenho a convicção de que a data de hoje serve, principalmente, como um momento de reflexão sobre a Cultura brasileira. Afinal, pela sua diversidade e amplitude, a nossa Cultura é saudada diariamente nas mais diversas manifestações que acontecem de norte a sul, de leste a oeste de nosso vasto território. Essa diversidade e essa amplitude podem ser observadas e admiradas de várias formas: na música, na dança, no teatro, no folclore, nas roupas, no artesanato, na culinária, no cinema, um resultado de influências de diversos povos, como os índios, os colonizadores, os invasores e os imigrantes dos mais diversos cantos do mundo, todos protagonistas desses 509 anos da história do Brasil.

A Cultura brasileira é um misto desses povos, pegando um pouquinho de um, um tantinho de outro, cuja interação resulta em manifestações de beleza, riqueza e muita criatividade. É pela cultura que o povo brasileiro se revela a cada dia e se constrói como uma sociedade original, plural e tolerante.

Aproveitando, então, este momento de reflexão, entendo que a democracia exige do Estado brasileiro a criação das condições que permitam a todos os cidadãos o consumo de cultura, bem como que ofereça oportunidades para que expressem sua própria cultura. E, nesse sentido, temos muito o que avançar.

Afirmo com base no *Anuário de Estatísticas Culturais 2009*, recentemente apresentado pelo Ministério da Cultura. Este trabalho, que tem o mérito de ser o primeiro mapa completo com as estatísticas do setor no Brasil, mostra um grande desequilíbrio regional, seja na quantidade de equipamentos disponibilizados à população, seja no volume de recursos captados através de incentivos fiscais.

Parabenizo o Ministro da Cultura, Juca Ferreira, pelo trabalho desenvolvido, pois certamente as informações ali contidas servirão como importante instrumento para o desenvolvimento de políticas culturais no Brasil.

Ao mesmo tempo, também quero saudar e reverenciar os avanços que o Governo Federal vem realizando, via Ministério da Cultura, responsável pela

implementação de diversos programas, em especial o Programa Mais Cultura, que, do ano passado até o final de 2010, investirá, em parceria com os Governos Estaduais e Municipais, 4 bilhões e 700 milhões de reais, para facilitar o acesso da população a equipamentos culturais.

É este o número, Ministro?

O SR. MINISTRO JUCA FERREIRA – É.

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Para exemplificar, uma das metas do programa é a de zerar o número de municípios sem bibliotecas públicas e chegar a 20 mil Pontos de Cultura em todo o País, especialmente nas áreas mais pobres e com maiores índices de violência.

Pontos de Cultura são, na minha avaliação, elos entre a sociedade e o Estado que vão possibilitar o desenvolvimento de ações culturais sustentadas pelos princípios da autonomia e do protagonismo social.

Paralelamente às ações do Executivo, quero destacar 3 importantes projetos que tramitam aqui no Congresso Nacional e que fazem parte da mobilização *Vota Cultura*, que tem como objetivo apoiar a aprovação de projetos de lei estratégicos que visam ao desenvolvimento da Cultura brasileira, uma promoção da Frente Parlamentar Mista em Defesa da Cultura, do Fórum Nacional dos Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura, do Fórum Nacional dos Secretários e Dirigentes de Cultura das Capitais, do Fórum dos Prefeitos de Capitais e Municípios, do Ministério da Cultura e de dezenas de artistas.

Começo citando o Vale Cultura, um projeto de lei de autoria do Poder Executivo que institui a primeira política pública do País voltada especificamente para o consumo cultural. O projeto já foi aprovado na Câmara dos Deputados, em outubro, e agora encontra-se no Senado Federal.

O vale-cultura, no valor de 50 reais, possibilitará aos trabalhadores adquirir ingressos de cinema, teatro, museu, *shows*, livros, CD e DVDs, dentre outros produtores culturais. Similar ao tíquete-alimentação, beneficiará cerca de 12 milhões de trabalhadores e injetará na economia da Cultura até 600 milhões de reais...

O SR. MINISTRO JUCA FERREIRA – Não, 7 bilhões!

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Sete bilhões de reais. Então, até 7 bilhões de reais. Corrigido aqui pelo nosso Ministro.

Esses recursos vão fomentar ainda mais a Cultura no Brasil.

Outra importante matéria que tramita nesta Casa é a Proposta de Emenda à Constituição nº 150, de 2003, de autoria do meu amigo Deputado Paulo Rocha, que conta com o apoio de mais de 400 Deputados e

Senadores de todos os partidos integrantes da Frente Parlamentar Mista da Cultura.

Não tenho dúvida nenhuma, Ministro, de que esta será a próxima PEC a ser aprovada no Congresso Nacional, na Câmara e no Senado. (*Palmas.*)

A PEC 150, aprovada em setembro, em Comissão Especial da Câmara dos Deputados, reserva ao setor cultural 2% dos impostos federais, 1,5% dos impostos estaduais e 1% da arrecadação com impostos municipais, o que significará injeção de recursos 3 vezes maior do que atualmente é destinado à área da Cultura.

A PEC, que aguarda a votação em plenário, é uma reivindicação histórica da classe artística e tem o apoio do Ministério da Cultura.

Ainda em setembro, a Câmara dos Deputados proporcionou outro grande feito para a Cultura Nacional, com a aprovação, pela Comissão de Educação, do Plano Nacional de Cultura. O plano define as diretrizes para o estabelecimento de políticas públicas de cultura para os próximos 10 anos. É o primeiro planejamento de Estado no campo cultural, cujas diretrizes e metas foram amplamente debatidas com a sociedade.

O projeto tramita agora na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara dos Deputados.

Não tenho dúvida, Ministro, de que este projeto terá apoio e será aprovado, tanto pela Câmara quanto pelo Senado Federal.

E também está em tramitação na Câmara a PEC da Música. Ontem realizamos algumas negociações na Câmara dos Deputados, com a participação sempre constante do nosso querido Deputado Otavio Leite, autor, junto com outros Parlamentares, desta PEC. E também estamos construindo a convicção de que na próxima semana vamos aprovar na Câmara dos Deputados esta importante PEC (*palmas*) que vai beneficiar e democratizar ainda mais o acesso dos cidadãos brasileiros à nossa música.

Senhoras e senhores, além desses projetos, o Congresso Nacional tem a tarefa de discutir com a sociedade diversas outras propostas, como a “Reforma da Lei Rouanet”, que visa atualizar os mecanismos de financiamento da Cultura, democratizando o acesso à produção cultural e estimulando o setor privado a investir, de forma descentralizada, na cadeia produtiva da Cultura; o “SIMPLES da Cultura”, que ontem já obteve avanços aqui, no Senado, (*palmas*) aprovado na Comissão de Educação do Senado — começa a tramitar de forma mais célere na Casa —, e que reduz a carga tributária para produções cinematográficas, artísticas e culturais; o “Fundo Social do Pré-Sal”, que destinará uma parte dos recursos arrecadados com a explora-

ção da camada de petróleo pré-sal para a Cultura; a Modernização do Direito Autoral”, que visa promover o equilíbrio entre o direito de quem cria, o direito de quem investe e o direito de toda a sociedade de ter acesso à cultura, à informação e ao conhecimento.

Como vemos, não são discussões simples. Porém, asseguro-lhes que há uma disposição da ampla maioria dos Parlamentares do Congresso Nacional em avançar nesses debates e aprovar matérias que universalizam o acesso aos bens e serviços culturais no menor prazo possível.

Senhoras e senhores, a Cultura é um bem comum que também tem a ver com costume e memória de nosso povo. A preservação desses bens é essencial para a identidade dos brasileiros dos mais diferentes lugares do nosso País. Por isso, é preciso entender a cultura como um direito social, uma necessidade básica que deve ser fomentada pelo Poder Público, pois não há desenvolvimento pleno sem o desenvolvimento cultural dos nossos cidadãos.

Para encerrar, quero parabenizar todos os artistas, os criadores e produtores culturais do nosso País, que transformam o jeito brasileiro de ser em arte, valores e práticas.

Viva a cultura do povo brasileiro! (*Palmas.*)

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS)

– Eu quero apenas registrar a presença do Senador Mão Santa; do Secretário Executivo do Ministério da Cultura, Sr. Alfredo Manevi; do Chefe de Gabinete do Ministério da Cultura, Sr. Osvaldo Reis; do Secretário de Audiovisual do Ministério da Cultura, Sr. Sílvio Darin; da Diretora do Centro Nacional de Arqueologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN, Sr^a Maria Clara Migliaccio; do Presidente do Instituto Brasileiro de Museus, Sr. Nascimento Junior; do Presidente da Fundação de Cinema do Rio Grande do Sul e Diretor Executivo do Congresso Brasileiro de Cinema, Sr. Cícero Aragon; do representante do Sr. Américo Córdoba, Secretário da Identidade e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura, Sr. Ricardo Lima; do representante do Sr. Zulu Araújo, Presidente da Fundação Cultural Palmares, Sr. Elísio Lopes; e da representante da classe artística, a querida Sandra de Sá. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Feito o anúncio dos presentes, passo imediatamente a palavra ao nobre Senador Cristovam Buarque, que falará pela Liderança do PDT no Senado Federal. (*Palmas.*)

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (PDT – DF. Sem revisão do orador.) – Bom dia a todos os presentes.

Quero, inicialmente, dizer da satisfação de ver a Câmara dos Deputados e o Senado Federal juntos neste local para fazer uma homenagem, uma referência, uma manifestação à cultura em geral e à cultura brasileira, em especial. Cumprimento o Deputado Marco Maia, que teve esta iniciativa e preside esta sessão; obviamente o meu amigo o Ministro Juca Ferreira; essa grande figura, que também considero meu amigo, Sérgio Mamberti; e a Sandra Sá, que é um símbolo para todos nós.

Tendemos a esquecer, nós, seres humanos, que a cultura já foi muito mais importante do que a produção material. Houve um tempo em que a humanidade dava muito mais valor à sua alma do que ao seu corpo. Nós perdemos essa sensação, sobretudo nos últimos 200 anos, quando fomos pouco a pouco caminhando para a importância do Produto Interno Bruto e para o absoluto desprezo ao produto da alegria bruta de um país, ao produto da satisfação de um país, ao produto da alma de um país. E aos poucos a cultura passou a ser não apenas algo diferente dos objetivos de um povo, mas, mais grave ainda, passou a ser algo secundário nos objetivos de um povo. Isso não aconteceu sempre, mas essa é a realidade de hoje.

Hoje o objetivo fundamental de um povo é seu Produto Interno Bruto e não a sua cultura. Por isso, perdemos a alma! Se tivéssemos alma, não estaríamos depredando a natureza. Se tivéssemos alma, não estaríamos produzindo mais às custas de crianças que trabalham ou abandonadas. Se tivéssemos alma, não teríamos a produção com o seu lado perverso, como está hoje caracterizado no âmbito planetário e nacional. Nós perdemos a alma! Não é que a tenhamos vendido, nós a perdemos. Progresso passou a significar produção e não o deslumbramento que deveria ser a principal razão de existir de um ser humano.

Houve tempo em que esse deslumbramento vinha das religiões apenas, nos últimos séculos, não nos últimos 200 anos da economia. No passado, já houve um tempo em que não era apenas a religião, era a cultura, a arte que demonstravam se um país era ou não rico. Hoje não é a cultura que diz se um povo é rico ou não. Não se mede se um povo é rico ou não pelo número de cinemas que tem esse povo, como eu via ontem uma entrevista do Juca falando sobre isso. Mede-se pelo número de fábricas de automóveis, que poluem o ambiente, que concentram a renda para poderem ser vendidos. Não medimos se um país é rico pelo número de teatros, de orquestras, de composições musicais, da evolução da nossa pintura e da nossa escultura. Nós perdemos isso! E, ao perdemos isso, caminhamos para os desastres hoje da civilização, do progresso material.

O primeiro grande erro nosso foi separar um dia a ética do conhecimento. Foi a separação entre ética e conhecimento, como coisa à parte, que permitiu o homem construir essa coisa incrivelmente maravilhosa do ponto de vista intelectual, que é uma bomba atômica, e esse absurdo de usá-la contra as populações. Se ética e ciência estivessem casadas, não iríamos explodir bomba atômica ou fazê-la. mas nós rompemos, criamos um divórcio entre ética e conhecimento.

Depois, foi essa ruptura, separação entre cultura e conhecimento. Quando vemos, por exemplo, a matemática, a vemos como a prática de uma linguagem do conhecimento. Não a vemos como a poesia que é a matemática em si. Perdemos a capacidade de ver a poesia da matemática, das ciências e a importância da poesia e da cultura em geral.

Por isso, meu caro Ministro Juca, V.Exa. tem um papel fundamental neste País, que não é apenas o de fazer com que haja mais atividades culturais, mas o de tentar despertar o País, nossos políticos, nossa população para a importância da alma do povo brasileiro e não apenas do corpo da economia. Temos essa dificuldade, esse desafio.

Fico feliz que uma manhã como esta — transmitida que espero que seja pela televisão, senão hoje, em algum outro dia — sirva para nos ajudar a despertar a população brasileira para o fato de que um povo sem cultura é um povo sem alma. E um povo sem alma se afoga na produção material da sua economia, o que está acontecendo hoje não só com o Brasil. Estamos nos afogando naquilo que chamamos riqueza, como um Rei Midas, só que, em vez de ser ouro, são os bens que consumimos em geral. Estamos nos afogando neles! Estamos nos afogando na depredação ambiental, no vazio existencial, na dívida que temos de assumir para continuar essa produção material como objetivo determinante e central do progresso.

Os gregos viam como homem rico aquele que era capaz de uma boa oratória, do convencimento, de ir ao teatro, de dançar. Nós vemos como homem rico aquele que tem conta bancária e carro poluindo o meio ambiente.

Nós nos perdemos porque abandonamos a importância da alma de cada povo, alma essa que está nas manifestações culturais, incluindo, obviamente, as manifestações espirituais e até mesmo religiosas, como parte da grande alma do povo, que é a sua manifestação abstrata, pública da cultura, e não apenas aquela privada, material dos bens de consumo.

Nós precisamos muito de vocês, mas não só como artistas, promotores culturais, mas sobretudo como agentes do despertar brasileiro para o fato de que não teremos futuro se não descobrimos a impor-

tância da nossa alma e do fato de que nossa alma está na cultura.

Parabéns, Deputado! Muito obrigado por essa iniciativa. E que essa manifestação se torne não apenas regular, periódica, mas que seja mais vezes por ano!

Deixo aqui uma proposta: que façamos pela cultura o que temos feito em outros assuntos. É a proposta que deixo neste final.

O Senado tem vivido algumas poucas, é verdade, noites monumentais em que fazemos a tal da vigília por um tema. Já fizemos vigília pelos velhinhos, pela Amazônia. Vamos fazer uma vigília pela cultura. (*Palmas prolongadas.*)

Muito obrigado. Eu creio que os aplausos mostram a importância do fato. Chamo a atenção até para o fato de que o taquígrafo aplaudiu. Talvez por ser meu amigo, é verdade. E é meu amigo!

Pois bem, eu acho que nós poderíamos fazer uma vigília e trazer aqui artistas, inclusive que venham cantar e não apenas fazer discurso. A da Amazônia foi um belo evento. Não precisa ir até as 6h, até porque os taquígrafos não nos aplaudiriam, coitados! Que seja até 1h, 2h da manhã, transmitida pela *TV Senado*. Uma manifestação conjunta, da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, pela cultura brasileira, despertando o povo para que não apenas goste de cultura, mas que saiba que é nela que está o futuro de um desenvolvimento sustentável, porque a cultura não polui, e, ao mesmo tempo, o futuro de um povo realmente rico, que será aquele que tiver uma alma rica, com muita atividade cultural.

Muito obrigado. Vamos trabalhar, Deputado, para fazer essa vigília, porque, depois desses aplausos, não temos direito de deixar que isso fique apenas em retórica, tem que se transformar numa realidade. Um grande abraço a todos. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Muito obrigado, Senador Cristovam Buarque, pelo seu brilhante pronunciamento.

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Vamos dar continuidade a nossa sessão so-lene.

Concedo a palavra ao nobre Deputado Otavio Leite, que falará pela Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados.

O SR. OTAVIO LEITE (PSDB – RJ. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente desta sessão, Deputado Marco Maia; Exmº Ministro Juca Ferreira; Sr. Alfredo Manevi; Sr. Presidente da FUNARTE, Sérgio Mamberti; nossa queridíssima Sandra de Sá — esta certamente deve ser a 17ª ou 18ª vez que a vejo aqui no *front* do Congresso Nacional empenhando a bandeira da cultu-

ra Brasileira — é uma honra vê-la novamente, minhas senhoras e meus senhores, meus cumprimentos.

Eu gostaria de trazer algumas breves observações e contribuições para esta sessão, que julgo uma providência absolutamente apropriada. Sr^{as}. e Srs. Senadores, no Senado, não muito tempo faz esteve um grande baluarte da cultura brasileira, o eminente carioca Paulo Alberto Monteiro de Barros, Artur da Távola, e, na ocasião em que teve oportunidade de ser Secretário de Cultura do Município do Rio de Janeiro, interpretando a dimensão ampla, plural e magnânima que a cultura traz em si, sugeriu, e o Prefeito aquiesceu, de titular não Secretaria da Cultura, mas Secretaria das Culturas. Infelizmente, houve por mal o atual Prefeito da cidade alterar essa denominação, que, a nosso juízo, expressava uma intenção extremamente nobre.

Quero aqui percorrer essa estrada já na diretriz muito competentemente traçada pelo eminente Senador Cristovam Buarque, que vai à alma, que vai a esse valor, que é intrínseco ao ser humano, o bem cultural, o desenvolvimento cultural, que é evidentemente muito esquecido, sobretudo nesses tempos em que preponderam o individualismo e a ânsia dos números frios para perfazer metas e exigências que são muitas vezes de forma vertical instituídas pelo *establishment* internacional e pelos seus mais variados órgãos.

Fico a imaginar se o certo não seria, para definir padrões civilizatórios nessa etapa da existência humana, obrigar a aferição do Índice de Desenvolvimento Humano já tão proclamado. E hoje temos a educação sempre na perspectiva da sua escolaridade, a longevidade e o PIB *per capita*. Por que não instituir também a dimensão do patrimônio cultural do povo, dos meios, dos acessos? O Butão, não faz muito tempo, resolveu incluir como indicador o preceito da felicidade. Ao se verificar todos os elementos ali que compõem os padrões mínimos de exigência e aferir isso diretamente ao povo, também se indagava a felicidade, a pessoa é mais ou menos feliz.

Acho que essa busca para fortalecer o indivíduo, o ser humano, dentro da perspectiva maior que ele possui, que é de existir como alguém que pensa o coletivo, que faz, que cria sobretudo, é que pode sem dúvida nenhuma ser uma bandeira nova de resgate do que seja o ideal de existência da vida na terra. É na cultura, é com a cultura que rompemos padrões de alienação que atrasam povos, que facilitam domínios. É através da cultura que conseguimos ultrapassar muitos desafios que só a criação permite ao ser humano ir mais além.

Então, essa cosmologia social complexa, no fundo a identidade própria de um grupo humano, que é

a expressão mais científica da cultura em determinado território, em determinado momento histórico, é aquele diagnóstico. Se formos, portanto, aplicar essa perspectiva meramente científica à luz da nossa realidade, poder-se-ia dizer: temos padrões culturais muito interessantes. Temos expressões culturais formidáveis, mas temos ao mesmo tempo desafios inculturáveis, na medida em que ainda, infelizmente, uma grande parcela da população brasileira, a sua maioria, não tem acesso a esses bens civilizatórios que consistem os patrimônios culturais.

Mas aí está o desafio de lutar para que isso vá adiante nessa dinâmica, nessa dialética complexa que é a nossa vida. Aqui o eminente Presidente Marco Maia fez referência a algumas iniciativas concretas que o Parlamento, no caso a Câmara dos Deputados, vem tomando na busca de contribuir para que se fortaleça a bandeira da cultura. Foram várias as ilustrações. Apenas pediria licença para mais amiúde tratar dessa que é uma bandeira fundamental para a música brasileira, que é em si um grande e formidável ingrediente da nossa cultura.

Diria que, junto com o futebol, a música brasileira tem o condão de fortalecer a unidade nacional de uma forma espetacular. Se hoje o mercado do fonograma, o mercado musical vem decaindo em termos de números de vendas, etc., por outro lado, sabemos que as pessoas continuam ouvindo cada vez mais música. Então, é preciso fazer alguma coisa diante dessa debilidade do mercado. Mercado esse que é disputado, trabalhado, vivido, fonte de subsistência não de músicos já consagrados, mas de milhares e milhares de brasileiros e brasileiras que lutam para expressar publicamente as suas convicções criativas, o seu trabalho e não conseguem por conta das dificuldades de — certamente todas na grande maioria — custos, pesos tributários, cargas fiscais e por aí vai.

Então, nessa perspectiva de fazer com que se rompa esse ciclo é que propusemos, não o Deputado Otavio Leite, mas o conjunto grande de Deputados de forma absolutamente plural, interpretando a vontade dos mais variados partidos da Oposição ou da Situação, proveniente dos mais variados recantos do Brasil, exprimindo as características culturais brasileiras, dos seus rincões, das suas regiões, propusemos essa ideia de elevar a estatura constitucional àquilo que o Constituinte já estabeleceu para o livro, que é também um elemento fundamental para a cultura. Ou seja, o fonograma brasileiro produzido no Brasil ou videofonograma, o clip, de músico brasileiro teria, na nossa proposta, essa condição de dispor da imunidade tributária, fiscal, o que permitiria, grosso modo, diminuir, sim, o preço dos produtos na ponta.

O mais importante é que essa PEC também interpreta e assimila um contexto inexorável, o contexto digital de hoje do qual não podemos fugir. É para onde caminham as convergências das mecânicas que o povo cada vez mais tem acesso, sim, 140 milhões de brasileiros têm telefone celular. Os telefones celulares são vendidos não apenas como telefones, mas como câmaras, como computadores, como rádios, como CDs e DVDs e com possibilidade de ouvir música dos mais variados sentidos. Se você adquire um produto desse, se você paga uma conta telefônica, pela qual você tem a disponibilidade de baixar 10, 20, 30 músicas, você paga por isso e, ao pagar por isso, há tributos elevadíssimos. Basicamente na ordem de 30%, 35%.

Se suprimíssemos esses tributos, qual seria a consequência direta? Mais pessoas poderiam comprar, porque o preço cairia. E mais ofertas para os músicos brasileiros se instituiriam na perspectiva de terem também condição de apresentar seus trabalhos.

Essa diversidade é fundamental para a construção de um amanhã mais feliz para o povo brasileiro. Fortalecer a cultura é pavimentar essa estrada para que a sociedade seja muito mais criativa e tenha sempre uma perspectiva, uma capacidade de crítica. A ausência da crítica é o império e o domínio do dogmatismo que sempre atrasa, que sempre preserva estruturas de poder, **status quo**, que não queremos. Queremos um País cada vez mais igual, mais generoso para a sua população.

Em linhas gerais, eram essas as observações que queria trazer no bojo deste instante que julgo da maior relevância para o Congresso Nacional, de enaltecer numa data própria esse patrimônio do povo brasileiro, que é a cultura brasileira, aqui com a representação das suas principais autoridades, com uma expressiva e legítima representação artística dos produtores, dos profissionais. Isso tudo engrandece este instante que está sendo repercutido pelos cantos do País neste momento. Ao mesmo tempo serve como um aplauso, um reconhecimento à cultura, a todos que lutam por isso, os conhecidos, sobretudo os anônimos, mas que seja fonte de inspiração para que todos prossigamos nessa luta ferrenha de fazer com que a cultura nacional tenha cada vez mais seu espaço, que é direito, para o bem do povo brasileiro e do futuro do Brasil.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Muito obrigado, Deputado Otavio Leite, pelo seu pronunciamento, sempre adequado aos temas da nossa cultura.

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Registro a presença dos produtores e representantes da Associação dos Produtores Brasileiros

de Audiovisual, Sr^a Liane Muhlenberg e Sr. Roger Madruga; dos atores do filme Besouro, Sérgio Laurentino e Leno Sacramento; dos músicos Tonho Matéria, Roberto Mendes e Chico César; da atriz do Teatro Oldum, Elaine Nascimento. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Dando continuidade, passo imediatamente a palavra ao Senador Mão Santa, pela Liderança do PSC no Senado Federal. (Palmas.)

O SR. MÃO SANTA (Sem Partido – PI. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^{as}. e Srs. Parlamentares, tantas são as autoridades, os intelectuais presentes que peço permissão para saudá-los, na pessoa do Exm^o Sr. Deputado Federal Marco Maia, que preside esta solenidade. São tantas as lideranças culturais presentes que eu poderia esquecer algumas. Mesmo involuntariamente seria imperdoável.

Meus senhores e encantadoras senhoras do meu Brasil, é com grande satisfação que uso a palavra neste auspicioso instante. Sou do Partido Social Cristão, e existe a seguinte sabedoria: Deus escreve certo por linhas tortas. Tinha de ser aqui a comemoração. Sei que a reunião é do Congresso Nacional, o salão lá é mais amplo, mais libertário, mais combativo, mas tinha de ser aqui. Cultura é ampla, folheei o dicionário, mas é simbolizada em nosso País por Rui Barbosa. Isso faz parte da nossa cultura. Isso é cultura.

Ali está, abaixo de Cristo, o Cristo que disse “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*”. Rui Barbosa, Senador Cristovam Buarque, é o símbolo — como a cruz é o símbolo do cristianismo — da nossa cultura e da nossa política. O que vivemos foi trazido por ele. Senador da República por 32 anos, baiano, que também simboliza a cultura — a Bahia é cultura em todos os aspectos —, Rui Barbosa fez nascer a República, cuja inteligência fez libertar os escravos, e a Princesa sancionou e jogaram flores nesse Senado da República. Na sequência da República, Médici, militar, temos em mente, foi duro — e foi. Mas o Marechal Floriano Peixoto, ainda não fiz o estudo comparativo, talvez tenha sido o mais duro. Depois, porque Rui Barbosa teria sido um empecilho. E bastaria isso, a atitude dele, para nos ensinar e estarmos aqui. Quando nascida a República, o primeiro, o segundo — e iam colocar um terceiro — militar, ele disse: “*estou fora*”. Ofereceram de novo a chave do cofre, o Ministério da Fazenda. Esse dia é comemorado por isso, porque é o nascimento dele, todo mundo reconhece — não sou eu, é a nossa cultura. Ele disse: “*Não troco as trouxas de minhas convicções por um Ministério*”. E aí já se foi distanciando do poderio militar que tomava conta do início da República. Perseguido foi, que teve de fugir

do País, se exilar. Passou por Buenos Aires, não gostou, fixou-se na Inglaterra.

Então, tudo o que temos foi ele. Ele copilou aquele modelo, mesmo monárquico, democrático, bicameral. Lá há 2 Casas — nós somos até mais humildes, porque Lorde é Deus —, a Casa dos Lordes e a outra dos Comuns. Ou do seu filhote, os Estados Unidos, também bicameral, e a figura do Presidente. E foi isso o que ele trouxe para cá, foi isso que sua liderança fez. E somos nós. Enganam-se aqueles, enganaram-se todas as vezes que pensam que nossa história fez nascer-se lá na Grécia, onde também nasceu a cultura, em que um homem disse, Aristóteles, que um homem é um animal político. Ninguém quis contestar.

E a democracia, pelo Líder Péricles, direta, se implantava lá. E o povo na praça, a participar. O povo era muito — deu certo. E os romanos transformaram-no em democracia representativa. Simbolizado pelo Ruy Barbosa deles, que dizia lá, Cícero: *“O Senado e o povo de Roma.”*

Eu posso dizer. O Senado e o povo do Brasil. Nós podemos falar assim.

E essa é a nossa história, com um grito de liberdade, igualdade e fraternidade, que caíram os reis, o absolutismo. O rei era o deus da terra. Cem anos para se implantar aqui. Mas implantamos. Com muita sabedoria, e vivemos.

Essa é a nossa cultura, é essa. Nós não temos nada a ver, ou pouco a ver com a cultura de culpa irradiada para Chávez, na Venezuela, para Correa, do Equador, para o índio, da Bolívia, para o padre amoroso, do Paraguai, para a Nicarágua, para a confusão de Honduras. A nossa cultura é essa, foi implantada por Ruy Barbosa.

A ignorância é audaciosa. Os outros, o que estão pensando? Nosso rumo é esse, essa é a nossa cultura. Atentai bem.

Eu tinha um professor de cirurgia, Mariano de Andrade, que de vez em quando — hoje eu entendo — nos mandava alterar, e o estudante quer avaliar a cirurgia por velocidade. Aí, quando ele via o médico residente tentando se apressar, dizia uma frase: *“A ignorância é audaciosa.”* Gente ignorante, não sabia. Queria medir uma cirurgia como uma corrida de cavalo. E não é. Há as consequências, o que vai acontecer, o futuro. E eu digo para esses incautos que estão aí: a ignorância é audaciosa. Falta cultura.

E está aí. Nós não podemos abrir mão do que Ruy nos legou, e eu o represento aqui, com todos os poderes, porque ele foi candidato de protesto. E ganhou no Piauí, em Teresina, mostrando nossa bravura e a do povo que o representa, o mesmo povo que fez uma batalha sangrenta para expulsar os portugueses.

Quero advertir, e tinha de ser a uma mulher, a Senadora Marisa Serrano — tem mais coragem. Vejam que diante de um líder, Cristo, que está ali, todos nos afeminamos — todos os apóstolos, os fortes, Anás, Caiás, todos; os leprosos que Ele curou, os cegos, aleijados, os que Ele alimentou, os que tomaram vinho com Ele. Mulher, não. A de Pilatos, a Adalgisinha dele, dizia: *“Seja homem. Você é um homem. Eu vi as pregações.”* Verônica, mulher, enxuga o rosto — desafiando os militares. Três mulheres, ao pé da cruz, disseram que o Homem ressuscitou. Nós acreditamos porque foi mulher. Se fosse homem, *“Está bêbado. Isso é conversa fiada.”* Mas foi uma mulher.

Advirto S.Ex^a, nunca antes, Senadora Marisa Serrano, que disse que 90% das cidades brasileiras não têm uma livraria. Nunca antes uma afirmação tão estarrecedora. Foi uma mulher, meu querido Presidente Luiz Inácio, nunca antes: 90% das cidades brasileiras não têm uma livraria.

Sei da modernidade. Um computador, eu acho, é uma enciclopédia eletrônica. Sou do tempo da enciclopédia mesmo.

Quero terminar. Por que saí do PMDB? Vejo certas coisas, a cultura. Decepciono-me — sou do Piauí, lá há grandezas — ao ver agora o Governador do Estado dar 1 milhão de reais — não tenho nada contra, pelo contrário, é meu amigo pessoal, eu o ajudei — a um cantor para fazer um filme. Dizem que o filme do nosso Presidente é ótimo, todo mundo chora. Mas um cantor, Frank Aguiar. Um milhão de reais! As faculdades, fechadas; as escolas, fechadas, e o analfabetismo aumentou. Protesto. O dinheiro público é assim. Um milhão! Eu não tenho nada contra o cantor, mas eu tenho a favor...

(O microfone é desligado.)

O SR. MÃO SANTA (Sem Partido – PI) – Só um minuto. Cristo fez o Pai Nosso em um minuto, eu vou, como Partido Social Cristão.

O que esse dinheiro e homens trouxeram à cultura — com todo o respeito ao cantor, à música, eu gosto, forró. Mas se esse dinheiro o Governo desse a pessoas... Que fosse luz, que fosse exemplo. Palavras sem exemplo são um tiro sem bala. Antônio Vieira, o padre, disse. Aí, sim. Mas, dar-se assim? Que irresponsabilidade. Isso não é cultura, é irresponsabilidade.

Vejam a história da batalha sangrenta em que expulsamos os portugueses; a história de que o povo de Oeiras tomou o palácio do comandante português; o dia da...

(O microfone é desligado.)

O SR. MÃO SANTA (Sem Partido – PI) – ... a história de homens do Piauí. Não tem.

Petrônio Portela, o maior, depois de Ruy Barbosa e de todos aqui, seria Presidente da República. Tancredo seria seu vice. Ele, que fez a anistia, a transição, sem truculência, sem tiro e sem bala.

Evandro Lins e Silva, o único que pode estar ao lado de Ruy Barbosa. Presidente do Supremo, soltando os presos. Ouvi Miguel Arraes dizer que ia se suicidar, ou pensava em ser comido por um tubarão — e um **habeas corpus**. Que exemplo bonito para a Corte Suprema Evandro Lins e Silva.

Reis Velloso, menino pobre, filho de carteiro e costureira, abria a fábrica de meu avô, com 9 anos. Mania de primeiro lugar, Harvard. O melhor Ministro de Planejamento deste País. Não se faz um filme, não se estuda. O primeiro, pendeu o segundo, o desenvolvimento, o farol e a luz do regime revolucionário que nos trouxe muitos progressos em muitas áreas, na tecnologia.

Carlos Castelo Branco, o maior, o mais bravo de todos os jornalistas. Na ditadura, era difícil, e ele tinha coragem. Na coluna do Castelo, do Piauí.

Flávio Marcílio, de Picos, 3 vezes Presidente, direito. E não se faz filme. Dá-se porque é do mesmo partido, do mesmo lado.

Então, ó, Deus, ó, Deus, ó, Deus, onde estás? E o que temos foi legado por essa democracia que eu entendo, e entendo bem, de visão de poder. **Ex potentis**, um olhando para o outro, um freando o outro. Isso é que é. E alternância de poder.

Então, a nossa cultura faz com que estejamos aqui, orgulhosos, este Senado, que salvaguardou a democracia. Nós não titubeamos nem um instante. Essa alternância de poder, que dá ao povo do Brasil aquilo que não se pode perder: a esperança. Ernest Hemingway, em **O Velho e o Mar** disse que a maior estupidez é perder a esperança.

Então, em nome de Ruy Barbosa, pai da cultura — hoje é 5 de novembro, seu nascimento —, que nasça aqui a maior riqueza cultural de nossa gente, a preservação daquilo que tem sido a maior criação da civilização: a democracia.

Que esse dia seja o renascer, o compromisso de todos nós de aprimorar a maior construção da cultura do País: a nossa democracia. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Muito obrigado, Senador Mão Santa, que falou aqui pela Liderança do PSC no Senado.

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Vamos intercalando aqui agora. Vamos ouvir a exposição do nosso Ministro Juca Ferreira. Logo após, vamos passar a palavra ao Deputado Rodrigo

Rollemborg, que falará aqui pela Liderança do PSB na Câmara dos Deputados.

Com a palavra o nosso querido Ministro Juca Ferreira. (*Palmas.*)

O SR. MINISTRO JUCA FERREIRA – Bom dia a todos.

Saúdo o Presidente da sessão, Deputado Marco Maia, parabeno-o pela ideia de fazer nesta Casa uma sessão mista solene em homenagem à cultura brasileira, a todas as dimensões da cultura brasileira.

Lembro-me de Neguinho do samba, que faleceu no domingo passado, na Bahia, criador do *samba reggae*, fundiu a célula do samba com a célula do *reggae*, que teve repercussões mundiais, com uma contribuição para os novos ritmos. Estranhei que nenhum jornal do Sudeste tenha noticiado sua morte, apesar da sua importância. Então, quero aproveitar esta sessão para parabenizá-lo, e assim parabenizar todos os músicos brasileiros, de Villa-Lobos a Roberto Mendes e a Sandra de Sá, aqui presentes. Talvez seja essa a arte mais cultuada, mais amada e mais desenvolvida no Brasil, a música, que faz parte do nosso sangue, nos acompanha em todos os momentos, momentos de alegria, momentos de tristeza, momentos em que estamos amando, momentos em que estamos apreensivos. Há música brasileira para todos os momentos: momentos de profundidade, momentos de externalização.

É tão forte essa cultura, mas ao mesmo tempo precisa de ajuda, porque a indústria fonográfica do mundo inteiro está em crise. As novas tecnologias e a capacidade de reprodução destruíram completamente os modelos de negócios nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil. Por isso o Estado precisa assumir a responsabilidade de definir normas regulatórias para permitir que os músicos vivam do seu trabalho e que a sociedade brasileira continue desfrutando de uma arte tão desenvolvida. (*Palmas.*)

Saúdo os Parlamentares presentes, Senadores e Deputados. São muitos, e vou considerar todos saudados em nome da Mesa, em nome do Deputado Cristovam Buarque, que fez uma bela intervenção aqui, valorizando a alma do povo brasileiro, essa alma diversa, fruto de uma colonização portuguesa, mas com uma contribuição dos povos indígenas e dos africanos que vieram como escravos para o Brasil e mostraram que não eram só corpos disponíveis para o trabalho, mas culturas, valores, orixás, compreensão de mundo, sensibilidade. Isso é tão importante, que esses 2 segmentos, apesar de terem sido escravizados e colonizados, acabaram dando uma contribuição decisiva para a formação da nossa personalidade. Não seria possível compreender o povo brasileiro sem a contribuição dos africanos, sem a contribuição dos povos

indígenas. Até na expressão corporal, na inteligência corporal que o povo brasileiro tem, que nos permitiu inventar o futebol-arte, assim como os povos indígenas, também, na religiosidade, em todos os aspectos.

Aproveito este momento para dizer que, na qualidade de Ministro, tenho descoberto diariamente que não podemos mais pensar no Brasil apenas como fruto desse amalgamento de portugueses, indígenas e africanos. Temos mais libaneses no Brasil do que no Líbano; temos mais de um milhão de japoneses, o que significa a maior colônia japonesa no exterior; temos eslavos — visitei uma região do Paraná que é colonizada desde o final do século XIX por eslavos; mais de 30 milhões de italianos.

Então, praticamente todos os povos do mundo hoje estão dando uma contribuição para a formação desta Nação que vem emergindo como uma das mais importantes do mundo. Quero enaltecer essa diversidade cultural, a contribuição dos povos indígenas, dos africanos, dos portugueses, de todos que estão permitindo que o Brasil seja o maior laboratório de vivência intercultural no mundo. Essa é uma responsabilidade imensa, e tudo isso feito com muita alegria, com muito desejo de integração, com um diálogo intercultural imenso, com amalgamento, como gosta de dizer o nosso querido Jorge Malte. Além das diferenças, temos uma construção de um diálogo.

Eu, por exemplo, sou da parcela não-negra de Salvador, mas quem quiser me compreender, tem de compreender não só a mim, mas a todos que conheço na Bahia, porque parte de mim é de origem africana.

Cumprimento meus companheiros do Ministério da Cultura — Sérgio Mamberti, Alfredo Manevy, Sílvia Da-Rin —, todos os dirigentes, assim como Oswaldo, Chefe de Gabinete. O Ministério tem feito um trabalho exemplar no sentido de dar contribuição do Estado brasileiro para a construção de um desenvolvimento cultural à altura da grandeza, da criatividade de nossa diversidade.

Neste momento, quero homenagear meu antecessor, o ex-Ministro Gilberto Gil, que foi quem abriu a porta para que o Estado brasileiro se sensibilizasse para o fato de que cultura não é algo secundário (*Palmas*.) Gil colocou seu imenso capital simbólico, construído por uma carreira artística das mais grandiosas da música popular, a serviço da construção desse projeto; comprou todas as brigas que tinham de ser compradas; colocou-se à disposição da construção desse projeto gigantesco; estimulou-nos a trabalhar; deu-nos autonomia e autoridade. Tudo que tenho feito é continuidade do processo que ele iniciou no primeiro Governo Lula. Às vezes, imprensa me pergunta se continuidade significa ficar vendo apenas o que ele faz.

Sempre lembro o caso de uma bicicleta: andando de bicicleta, estamos dando continuidade à trajetória, mas a cada momento o pneu está em contato com novas pedras, com um novo gramado, com novo visual.

Por tudo isso estamos vivendo este momento tão brilhante do Ministério da Cultura, porque tive consciência, eu e os dirigentes do Ministério, de que o maior patrimônio que temos é o território que foi conquistado nos primeiros anos, quando não éramos compreendidos. Muitos diziam que o Estado não tem papel nenhum junto à cultura; que o Estado é uma espécie de lobo mau que ou vai atacar Chapeuzinho Vermelho na floresta ou na última cena na casa da vovozinha.

Na verdade, boa parte das condições necessárias para o desenvolvimento cultural cabe ao Estado construir. Primeiro, a liberdade que estamos vivendo no Brasil, a liberdade de expressão. Nenhum artista foi molestado no Brasil por liberdade de expressão, pelo exercício da crítica. Para dizer a verdade, só um. E foi o Ministro da Cultura, este que lhes fala neste momento, que saiu em sua defesa, que foi aquela moça que pichou uma sala na Bienal internacional de São Paulo, que tinha sido convidada para expressar, era uma sala vazia, sem obra de arte, e ela, evidentemente, se expressou da maneira que ela achava mais importante. Se não queriam aquele tipo de expressão, deveriam ter dado lápis de cera, como fazem na escola do meu filho de 9 anos, e papel para que ela se expressasse. Mas, quando convidaram e disseram que aquelas paredes estavam vazias de obras, para que a população pudesse expressar sua opinião sobre o momento cultural, estavam permitindo e convidando todos a trazer suas capacidades, suas dimensões culturais para aquela sala, para construir um diálogo novo. Mas não tiveram capacidade de suportar. Na verdade, quem não tem competência não se estabelece.

Era preciso, era necessário que os que tinham convidado a população para se expressar tivessem a consciência de que liberdade de expressão não pode ter limites. Essa jovem foi condenada, se não me engano, a 5 anos de prisão. E injustamente, demonstrando um traço autoritário da sociedade brasileira que pensa que cultura são apenas as manifestações consagradas e refinadas dos salões mais elaborados, quando, na verdade, todo o projeto de cultura do Brasil só é generoso se for capaz de absorver essa diversidade cultural plena em todas as suas manifestações, até aquelas com as quais nós não temos identidade.

Então, quero homenagear o Governo Lula (*palmas*) pela liberdade de expressão, mesmo nos momentos difíceis em que a calúnia e a responsabilidade estão presentes. Mas mesmo nestes momentos predominou o sentido de valor absoluto da liberdade

de expressão. Isso está sendo constituído neste momento de construção da democracia brasileira como uma parte importante, muitas vezes não muito visível, mas uma parte importante. O Brasil está-se tornando uma das maiores democracias no mundo. Nós estamos dando exemplo, neste momento, na área cultural, da importância de compreender que a complexidade e a diversidade são patrimônios, são bens. E não estão na área de problemas, mas de solução.

Quero homenagear os artistas presentes, na figura da nossa querida Sandra de Sá, uma pessoa que me emocionou muito, quando cheguei do exílio. Aquela música *Olhos coloridos* deu-me uma ideia de um Brasil que eu não conhecia ainda. Eu tinha passado quase 10 anos fora do Brasil e rapidamente me conectei com o Brasil. E uma das muitas obras culturais que me integrou foi a sua interpretação nesta música que, ao mesmo tempo, era tudo que somos. Era algo novo também em nível de tratamento musical contemporâneo, que absorvia o **funk**, que absorvia uma série de pancadas, como o Tim Maia também fazia.

Então, quero prestar-lhe homenagem e, neste sentido, a todos os artistas presentes. (*Palmas.*)

Vou procurar fazer a minha fala da forma mais sintética possível. É difícil para um baiano, Roberto Mendes, mas de qualquer jeito vale a pena nos esforçarmos para ser sintéticos.

Eu gostaria de dizer o seguinte: o Senador Cristovam Buarque fez uma brilhante intervenção sobre a perda de identidade, a perda de relação com a alma, num materialismo vulgar que se expressa, sobre a hipervalorização da economia. Esse foi o traço da construção do Brasil. Somos fruto de um empreendimento colonial. Os portugueses vieram aqui para enriquecer, para explorar a matéria-prima existente: o ouro, o pau-brasil e todas as outras riquezas que tínhamos. É normal, faz parte da etapa do colonialismo.

Mas hoje, início do século XXI, não se justifica mais dar continuidade a esse traço predatório da construção brasileira. É preciso reconstituir as bases fundamentais para que nós, de fato, construamos uma nação no século XXI.

Sou otimista. É isso que eu quero acrescentar. O Brasil está emergindo como uma das principais nações do mundo no século XXI. O interesse pelo Brasil é imenso, não só pela riqueza material, não só porque a nossa economia estar bem, como nunca esteve, o que possibilita a todos que trabalham nesta área da atividade humana e econômica pensar num Brasil como um destino do seu capital. Mas muito mais do que isso: nós estamos neste momento construindo uma das maiores democracias do mundo. Com todas

as imperfeições, temos avançado. Já podemos falar de uma estabilidade democrática no Brasil.

O Senador Mão Santa referiu-se à grandeza cultural dessa dimensão da sociedade brasileira. O povo brasileiro está rapidamente assimilando a importância da democracia. Só na democracia constituiremos uma sociedade de iguais, uma sociedade que trate todos e que possibilite direitos e oportunidades iguais.

Então, estamos vivendo um momento muito interessante do Brasil. Está na hora de superar o complexo de vira-lata a que se referia o nosso grande Nelson Rodrigues. Pelo contrário, todos os brasileiros têm que descobrir que chegou a nossa hora, a nossa vez e a possibilidade de pensar uma sociedade completamente diferente, infinitamente maior e mais generosa do que a que a gente vive.

Agora, para que realizemos esse sonho, é preciso enfrentar essas mazelas históricas, a desigualdade social. Não dá para construir uma grande Nação com o grau de desigualdade que temos no Brasil. Somos uma das maiores desigualdades do mundo comparadas às piores sociedades, sob o ponto de vista da possibilidade de acesso pleno aos benefícios sociais.

Então, precisamos superar e, definitivamente, incorporar padrões de sustentabilidade para nossa sociedade. Não podemos continuar com o mesmo espírito dos portugueses, destruindo nossos recursos naturais e agredindo a natureza.

(*O microfone é desligado.*)

O SR. MINISTRO JUCA FERREIRA – Isso se reflete principalmente no aquecimento global e na ameaça da própria existência da vida no Planeta.

Temos a responsabilidade hoje de ser “megabiodiversos” — é assim que é chamado o Brasil no cenário mundial, porque temos a maior quantidade de floresta do mundo. Temos quase 17% do estoque de água potável no mundo, temos o maior plantel de biodiversidade do Planeta e não estamos sabendo o que fazer com isso. Precisamos incorporar neste momento.

Esse esforço que a sociedade brasileira está fazendo para regular todas as atividades no sentido de dar sustentabilidade à nossa sociedade é um ato cultural também. Faz parte de um processo cultural de afirmação da sociedade brasileira no séc. XXI.

Agora há 2 fatores, um já começa a fazer parte do imaginário. Precisamos de educação de qualidade ao acesso de todos os brasileiros. Isso já começa a fazer parte da plataforma de cidadania no Brasil.

Mas não há possibilidade de construir essa grande Nação sem disponibilizar a cultura para todos. (*Palmas.*)

Não podemos manter os índices de acessibilidade que temos hoje. Menos de 10% dos brasileiros entrou alguma vez na vida no museu; só 13% dos brasileiros vão ao cinema com uma frequência em torno de 1 vez por mês; só 17% dos brasileiros compram livros. Em torno de 92% dos municípios brasileiros não têm uma livraria, um teatro, um cinema sequer. Os cinemas existentes no Brasil estão dentro de **shopping center**. Temos a pipoca mais cara do mundo, o que inviabiliza completamente o acesso — não só a pipoca, mas o preço da entrada também. E, ao mesmo tempo, já estamos produzindo, não é, *Sílvio Da-Rin*, em torno de 100 filmes ao ano no Brasil. Um esforço imenso da sociedade brasileira de patrocinar o ressurgimento de uma indústria cinematográfica no Brasil.

Mas não há possibilidade, com esse grau de inacessibilidade, de construir uma indústria cinematográfica. Com a música é a mesma coisa, com o teatro a mesma coisa, com a dança a mesma coisa. Então, podemos falar até de um **Apartheid** cultural no Brasil.

É preciso que a cultura passe por um processo de deslocamento de algo absolutamente insignificante. É assim que é tratada pela sociedade brasileira, é assim que é tratada pelo Estado brasileiro.

Gilberto Gil dizia: “*Tratam-nos como se a cultura fosse a cereja do bolo*”. Na verdade, é um elemento central. Como foi dito aqui por todos que me antecederam, cultura é uma dimensão da condição humana. Não há possibilidade de se pensar no ser humano sem cultura, sem acesso e sem produção cultural. (*Palmas.*)

Cultura é uma necessidade e um direito. Está escrito na nossa Carta. E um Parlamentar propôs, e o Ministério da Cultura apoia, que ela seja tratada pela Constituição como um direito básico, como é comida, saúde, moradia e meio ambiente saudável. É preciso complementar o trabalho da construção da nossa Constituição, para que a cultura faça parte também e seja reconhecida.

Não somos animais de outro tipo, somos animais racionais, somos seres humanos, e os seres humanos se definem essencialmente pela simbolização, pela necessidade e pela capacidade de simbolização.

Há um filme de Alfonso Godá, em que o filho pergunta para a mãe: “*Mãe, o que é linguagem?*” E a mãe diz: “*É a casa onde a gente mora*”. É isso. Não há relação da gente com nada no mundo que não seja intermediado pela linguagem e pela construção de signos, de conceitos, de valores.

Quando o índio olha para a floresta, ele sabe o que significa muito daquelas coisas e que para tudo há uma explicação. Um cacique indígena, que esteve comigo no Ministério, disse-me: “*O que eu mais gosto no Ministério é que vocês não dizem como nós devemos*

ser índios. Vocês nos tratam com o direito de opção da nossa parte”. E disse ainda esse cacique: “*Uma vez eu fui chamado para recontatar os sobreviventes de uma tribo que foi quase dizimada*” — e eram jovens e mulheres apenas que se salvaram, porque os guerreiros fizeram uma proteção para que eles pudessem fugir, e os garimpeiros dizimaram praticamente a tribo — “*e quando contatamos esses jovens, eles me disseram: ‘Sem a estrutura dos pajés, dos adultos e do cacique, a floresta é aterradora’*”. Ou seja, sem explicação e a compreensão, sem a recriação subjetiva daquele mundo em que eles vivem, a floresta não tem o mesmo significado que tem e que compreendemos que tenha para os povos indígenas.

Então, cultura é essencial em qualquer condição para nós também. Precisamos entender o mundo, precisamos compreender esse mundo que vem se desagregando valores e reconstituindo valores. É preciso que disponibilizemos a condição de uma subjetividade complexa para todos os brasileiros, complementando a liberdade de expressão.

Eu quero parabenizar esta Casa, o Congresso Nacional, a Câmara e o Senado e dizer que o Ministério da Cultura e os artistas são absolutamente agradecidos, principalmente pelos avanços que temos conquistado este ano, aqui dentro desta Casa. É aqui mesmo que tem que ser resolvido, porque o papel do Congresso é redefinir todas as relações de uma sociedade. Na democracia é assim, por isso que os ditadores, a primeira coisa que fazem, é fechar o Congresso. Então, todas as nossas demandas acabam se transferindo aqui para dentro.

Já foi citado aí o vale-cultura, que vai garantir a possibilidade de 12 milhões de trabalhadores passarem a ter acesso ao consumo cultural. Temos a reforma da *Lei Rouanet*, temos a possibilidade de incluir as pequenas e médias empresas culturais do Brasil no Super-SIMPLES. Temos o Plano Nacional de Cultura, que dá uma estabilidade para além dos 4 anos de Governo, criando uma pactuação para muito além do imediato e criando uma possibilidade de que a gente vá estabilizando um processo de desenvolvimento institucional da cultura no Brasil. Temos um Plano Nacional de Cultura. Temos o Sistema Nacional de Cultura que, brevemente, estaremos enviando para o Congresso. E temos a modernização da lei do direito autoral no Brasil, porque não se justifica que os artistas sejam diariamente lesados no seu direito, a partir da sua criação, que é o que possibilita que eles vivam dignamente e que constituamos no Brasil uma economia da cultura sólida, que se baseie no direito autoral e no direito estabelecido pelo criador.

Esse direito, evidentemente, convive com o direito patrimonial dos empresários, convive com o direito de acesso da população. Mas é essa modernização que a sociedade brasileira tem que se propor a fazer, e faremos. Nós cumprimos nosso papel. Vamos propor uma minuta para que seja discutida, democraticamente, por toda a sociedade brasileira, e não aceitaremos os privilegiados que vão tentar desabar um edifício na nossa cabeça para evitar esse debate democrático. Não repetirão erros da ANCINAV, que mistificaram o momento importante de proposição de regulação da economia do audiovisual no Brasil. Disseram que queríamos regular a opinião pública. Isso não acontecerá mais.

Não se erra 2 vezes, a não ser por burrice. E se há um defeito que eu não incorporo nos dirigentes dos Ministérios é esse. Eu acho que a gente poderá errar de outra maneira.

Então, vamos induzir a sociedade a refletir e a vivenciar o processo democrático de modernização do direito autoral, que é essencial. Eu espero que até o início do próximo ano demos entrada no projeto de lei que estamos construindo coletivamente, e não só dentro dos gabinetes, das repartições públicas do Ministério. Já fizemos mais de 20 audiências públicas em todas as capitais do Brasil, mobilizando juristas, artistas, criadores, empresários da área cultural. Estamos avançando bastante. Mas sei que privilégio no Brasil adquire as características de direito adquirido, frequentemente. E vão vir para cima do Ministério tentando mistificar uma discussão que é essencial para que consigamos consolidar esse momento tão importante que estamos vivendo de valorização da cultura brasileira.

Agradeço a oportunidade de falar como Ministro. Parabenizo de novo os artistas. Chico César está aqui elegantemente vestido. Queria homenageá-lo pela sua elegância e com isso homenagear todos os artistas presentes. Quero dizer da minha alegria de fazer parte deste momento em que estamos dando um salto de qualidade. É um momento de uma mutação importante na condições para o desenvolvimento cultural do povo brasileiro e para a produção cultural dos nossos criadores e nossos artistas.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Muito obrigado, Sr. Ministro Juca Ferreira, pelo seu pronunciamento.

O SR. PRESIDENTE (Marco Maia. Bloco/PT – RS) – Concedo a palavra ao Deputado Rodrigo Rollemberg, pela Liderança do PSB.

Antes anuncio a presença do Deputado Odair Cunha, 3º Secretário da Mesa Diretora da Câmara dos Deputados e coautor do requerimento da Mesa

lã da Câmara dos Deputados para realização desta audiência pública.

Quero aproveitar a oportunidade, como é de praxe, e chamar o Senador Cristovam Buarque para coordenar os trabalhos e presidir a Mesa, representando o nosso Senado Federal.

E assim me despeço dizendo da satisfação e da honra de poder ter presidido esta sessão solene nesta primeira parte.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. RODRIGO ROLLEMBERG (Bloco/PSB-DF. Sem revisão do orador.) – Prezados Deputado Marco Maia; prezado amigo Senador Cristovam Buarque; prezado Ministro Juca Ferreira; prezado Deputado Odair Cunha; prezado amigo Sérgio Mamberti; prezada Sandra de Sá, em nome de quem cumprimento todos os artistas, todos os produtores culturais aqui presentes; Srs. e Srs. Deputados e Senadores.

Serei muito breve, Sr. Presidente, até pelo adiantado da hora, mas não poderia deixar, como Líder do PSB, de representar a bancada neste momento, Ministro Juca. Quero parabenizar o Ministério da Cultura, os artistas e os produtores por uma outra dimensão da cultura que é a dimensão política.

Estamos percebendo, no âmbito do Congresso Nacional, o novo enfoque que os Parlamentares vêm dando à importância da cultura como bem fundamental, em função da articulação política. O Ministério da Cultura — e quero cumprimentar toda a sua equipe — percebeu a importância dessa interação entre aquelas pessoas que fazem cultura com o meio político, no sentido de aperfeiçoar os instrumentos legais para garantir políticas públicas mais eficientes de incentivo à cultura em nosso País.

Isso se revela na produção legislativa, com matérias já aprovada ou em tramitação nas duas Casas, matéria que já passaram por algumas Comissões, que demonstram claramente uma sensibilidade cada vez maior do Parlamento brasileiro em relação as questões da cultura.

Foi assim que muito rapidamente conseguimos aprovar o SIMPLES da Cultura, que reduz os impostos da produção cultural; foi assim que conseguimos aprovar na Câmara o vale-cultura; e foi assim que ontem conseguimos aprovar na Comissão Especial do Fundo Social do Pré-Sal — que tive a honra de presidir — a cultura como uma das áreas a serem beneficiadas com os recursos do petróleo do pré-sal. (Palmas.)

Essa questão é importante não apenas pelos recursos que ao longo dos anos poderão financiar as atividades culturais no Brasil, o desenvolvimento da cultura. Mas também pelo fato de colocar a cultura na mesma dimensão da educação, da ciência e tecnologia,

da saúde, mostrando de forma clara a compreensão do conjunto dos Parlamentares daquela Comissão, que, no meu entendimento, já é do Congresso Nacional, a respeito da importância da cultura.

Não é por outro motivo que estamos caminhando com o Plano Nacional da Cultura, com a PEC 150, que garante recursos mais expressivos para a cultura, com as negociações que estão envolvendo a PEC da Música e, ao mesmo tempo também, com o apoio do Congresso a alguns programas lançados pelo Governo, pelo Ministério da Cultura, como o Cinema nas Cidades e o PAC das Cidades Históricas, recentemente lançado em Ouro Preto.

Quero cumprimentá-lo, Ministro Juca Ferreira, e toda a sua equipe pela importância desta ação política, como disse muito bem V.Exa., iniciada pelo Ministro Gil, que conseguiu mostrar para todo o Brasil que a cultura não pode ser apenas a cereja do bolo, mas que é necessário haver um trabalho político, permanente, de interação, de integração, para que todos os marcos legais brasileiros possam ser aperfeiçoados, garantindo políticas públicas de apoio à cultura que sejam políticas de Estado.

Não podemos correr o risco de, caso eleito um Governo que não tenha a mesma compreensão, a mesma sensibilidade do Governo do Presidente Lula, possamos viver um retrocesso no que se refere ao financiamento e à regulação das atividades culturais em nosso País.

Portanto, receba aqui o apoio e os aplausos da bancada do Partido Socialista Brasileiro, deixando muito claro que estaremos enfileirados em torno de todos aqueles que querem garantir, na Constituição, a cultura como bem fundamental e um direito de todos os brasileiros.

Muito obrigado (*Palmas.*)

Durante o discurso do Sr. Rodrigo Rollemberg, o Sr. Marco Maia, 1º Vice-Presidente, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Cristovam Buarque.

O SR. PRESIDENTE (Cristovam Buarque. PDT – DF) – Parabenizo o Deputado Rodrigo Rollemberg pelo seu discurso e cumprimento todos os presentes.

O SR. PRESIDENTE (Cristovam Buarque. PDT – DF) – Esta foi uma manhã enriquecedora, no sentido pleno da palavra “riqueza”, que não é apenas, e muito menos, secundariamente a riqueza material. Trata-se da riqueza cultural, porque faz um povo realmente ser considerado rico.

Quero encerrar, mas antes lendo um convite do Ministro, que pediu que eu transmitisse a todos os presentes, para assistirem hoje ao filme *Besouro*, às 19h, no Museu da República. Estão todos convidados.

A sessão está encerrada com os meus agradecimentos a todos os presentes. (*Palmas.*)

(Encerra-se a sessão às 13 horas e 9 minutos.)

CONSELHOS

CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70, de 23.11.1972)
(Regimento Interno baixado pelo Ato nº 1, de 1973-CN)

COMPOSIÇÃO

Grão-Mestre: Presidente do Senado Federal
Chanceler: Presidente da Câmara dos Deputados

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
<u>PRESIDENTE</u> Deputado Michel Temer (PMDB-SP)	<u>PRESIDENTE</u> Senador José Sarney (PMDB-AP)
<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Deputado Marco Maia (PT-RS)	<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Senador Marconi Perillo (PSDB-GO)
<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto (DEM-BA)	<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Senadora Serys Slhessarenko (PT-MT)
<u>1º SECRETÁRIO</u> Deputado Rafael Guerra (PSDB-MG)	<u>1º SECRETÁRIO</u> Senador Heráclito Fortes (DEM-PI)
<u>2º SECRETÁRIO</u> Deputado Inocêncio Oliveira (PR-PE)	<u>2º SECRETÁRIO</u> Senador João Vicente Claudino (PTB-PI)
<u>3º SECRETÁRIO</u> Deputado Odair Cunha (PT-MG)	<u>3º SECRETÁRIO</u> Senador Mão Santa (PSC-PI)*
<u>4º SECRETÁRIO</u> Deputado Nelson Marquzezelli (PTB-SP)	<u>4º SECRETÁRIO</u> Senadora Patrícia Saboya (PDT-CE)†
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN)	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Senador Renan Calheiros (PMDB-AL)
<u>LÍDER DA MINORIA</u> Deputado André de Paula (DEM/PE)	<u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u> Senador Raimundo Colombo (DEM-SC)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA</u> Deputado Tadeu Filippelli (PMDB-DF)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA</u> Senador Demóstenes Torres (DEM-GO)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> Deputado Damião Feliciano (PDT-PB)‡	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> Senador Eduardo Azeredo (PSDB-MG)

(Atualizada em 21.10.2009)

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: 3303-4561 e 3303-5258
scop@senado.gov.br

* Em 23.09.2009, o Senador Mão Santa comunicou sua desfiliação do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), a partir dessa data, conforme comunicado lido em Plenário e, em 01.10.2009, a sua filiação ao Partido Social Cristão (PSC), a partir de 23.09.2009, conforme Of. GSMS 098/2009, lido em Plenário em 01.10.2009.

† A Senadora Patrícia Saboya encontra-se licenciada, nos termos do art. 43, inciso I, do Regimento Interno, conforme o Requerimento nº 878, de 2009, aprovado no dia 15/07/2009, na Sessão Deliberativa Extraordinária, iniciada em 14/07/2009.

‡ O Deputado Damião Feliciano foi eleito Presidente da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional da Câmara dos Deputados, conforme Of. Pres. nº 288/09-CREDN, de 20.09.09, lido na sessão do Senado Federal de 21.10.09.

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
(13 titulares e 13 suplentes)
(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)
Presidente:
Vice-Presidente:

LEI Nº 8.389/91, ART. 4º	TITULARES	SUPLENTES
Representante das empresas de rádio (inciso I)		
Representante das empresas de televisão (inciso II)		
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)		
Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social (inciso IV)		
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)		
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)		
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)		
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 5.6.2002

2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258
scop@senado.gov.br - www.senado.gov.br/ccs

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

COMISSÕES DE TRABALHO

01 – COMISSÃO DE REGIONALIZAÇÃO E QUALIDADE DA PROGRAMAÇÃO E DE RÁDIO-DIFUSÃO COMUNITÁRIA

02 – COMISSÃO DE TECNOLOGIA DIGITAL

03 – COMISSÃO DE TV POR ASSINATURA

04 – COMISSÃO DE MARCO REGULATÓRIO

05 – COMISSÃO DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258
scop@senao.gov.br
www.senado.gov.br/ccai

REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

COMPOSIÇÃO

18 Titulares (9 Senadores e 9 Deputados) e 18 Suplentes (9 Senadores e 9 Deputados)

Designação: 27/04/2007

Presidente: Deputado José Paulo Tóffano (PV - SP)¹²
 Vice-Presidente: Senador Inácio Arruda (PCdoB - CE)¹²
 Vice-Presidente: Deputado Germano Bonow (DEM - RS)¹²

SENADORES

TITULARES	SUPLENTES
Maioria (PMDB)	
PEDRO SIMON (PMDB/RS)	1. NEUTO DE CONTO (PMDB/SC)
GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB/AC)	2. VALDIR RAUPP (PMDB/RO)
DEM	
EFRAIM MORAIS (DEM/PB)	1. ADELMIR SANTANA (DEM/DF)
ROMEU TUMA (PTB/SP)	2. RAIMUNDO COLOMBO ⁶ (DEM/SC)
PSDB	
MARISA SERRANO (PSDB/MS)	1. EDUARDO AZEREDO (PSDB/MG)
PT	
ALOIZIO MERCADANTE (PT/SP)	1. FLÁVIO ARNS (PSDB/PR) ¹³
PTB	
SÉRGIO ZAMBIASI (PTB/RS)	1. FERNANDO COLLOR (PTB/AL)
PDT	
CRISTOVAM BUARQUE (PDT/DF)	1. OSMAR DIAS ⁴ (PDT/PR)
PCdoB	
INÁCIO ARRUDA (PCdoB/CE)	1. JOSÉ NERY ⁸ (PSOL/PA)

DEPUTADOS

TITULARES	SUPLENTES
PMDB/PT/PP/PR/PTB/PSC/PTC/PTdoB	
VALDIR COLATTO (PMDB/SC) ¹⁰	1. MOACIR MICHELETTO ⁷ (PMDB/PR)
DR. ROSINHA (PT/PR)	2. NILSON MOURÃO (PT/AC)
GEORGE HILTON (PP/MG)	3. RENATO MOLLING (PP/RS)
ÍRIS DE ARAÚJO (PMDB/GO)	4. LELO COIMBRA (PMDB/ES) ¹¹
PSDB/DEM/PPS	
CLAUDIO DIAZ (PSDB/RS)	1. LEANDRO SAMPAIO ⁵ (PPS/RJ)
GERALDO THADEU ⁹ (PPS/MG)	2. ANTONIO CARLOS PANNUNZIO ³ (PSDB/SP)
GERMANO BONOW (DEM/RS)	3. CELSO RUSSOMANNO [*] (PP/SP)
PSB/PDT/PCdoB/PMN/PAN	
BETO ALBUQUERQUE (PSB/RS)	1. VIEIRA DA CUNHA (PDT/RS)
PV	
JOSÉ PAULO TÓFFANO (PV/SP)	1. DR. NECHAR (PV/SP)

(Atualizada em 14.10.2009)

Secretaria: Câmara dos Deputados - Anexo II - Sala T/28 - 70160-900 Brasília - DF / Brasil

Fones: (55) 61 3216-6871 / 6878 Fax: (55) 61 3216-6880

e-mail: cpcm@camara.gov.br

www.camara.gov.br/mercosul

¹ Indicado conforme Ofício nº 160-L-DEM/08, de 04.06.08, do Líder do DEM, Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto, lido na Sessão do SF de 05.06.08.

² Eleito em 14.8.2007, para o biênio 2007/2008.

³ Indicado conforme Of. PSDB nº 856/2007, de 28.11.2007, do Líder do PSDB, Deputado Antonio Carlos Pannunzio, lido na Sessão do SF de 19.12.2007.

⁴ Indicado conforme Ofício nº 28/08-LPDT, de 09.07.08, do Líder do PDT, Senador Osmar Dias, lido na Sessão do SF de 09.07.08, em substituição ao Senador Jefferson Praia, em virtude de sua renúncia, conforme Of. s/nº, datado de 09.07.2008.

⁵ Indicado pela Liderança do PPS, nos termos do OF/LID/Nº 157/2008, de 19.06.2008, lido na Sessão do Senado Federal dessa mesma data, tendo em vista a renúncia do Deputado Ilderlei Cordeiro, conforme OF GAB Nº 53/2008, de 18.06.2008.

⁶ O Senador Raimundo Colombo retornou ao exercício do mandato em 25.10.2008, conforme comunicado datado de 28.10.2008, lido na Sessão do Senado Federal dessa mesma data.

⁷ Indicado pela Liderança do PMDB, nos termos do OF/GAB/I/nº 949/2008, de 11.11.2008, lido na Sessão do Senado Federal de 12.11.2008.

⁸ Indicado pela Liderança do PC do B, nos termos do Ofício IA/Nº 269/2008, de 16.12.2008, lido na Sessão do Senado Federal de 17.12.2008.

⁹ Indicado pela Liderança do PPS, nos termos do OF/LID/Nº 266/2007, de 17.07.07, em substituição ao Deputado Geraldo Resende.

¹⁰ Vaga anteriormente ocupada pelo Deputado Cezar Schirmer, que renunciou à suplência do mandato de parlamentar, conforme Of. 29/2009/SGM/P, de 14.01.2009. O Deputado Valdir Colatto renunciou à vaga de suplente para assumir a de titular, conforme o Ofício nº 034/2009-GAB610-CD, de 11.02.2009, e o OF/GAB/I/Nº 12, de 28.01.2009.

¹¹ Indicado pela Liderança do PMDB, nos termos do OF/GAB/I/Nº 177, de 12.03.2009, lido na Sessão do Senado Federal de 12.03.2009.

¹² Eleitos para o biênio 2009/2010, em reunião realizada no dia 27.05.09, conforme Ofício P/48/2009, de 28.05.2009, lido nessa mesma data.

¹³ O Senador Flávio Arns desfilou-se do Partido dos Trabalhadores (PT), conforme comunicação lida na sessão do SF em 10.09.09, e filiou-se ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), em 02.10.2009, conforme Of./GSFA/0898/2009, de 06.10.09, lido na sessão do SF de 08.10.2009.

MESA DO PARLAMENTO DO MERCOSUL

PRESIDENTE: Parlamentar Ignacio Mendonza Unzain (Py)

VICE-PRESIDENTE: Deputado Juan Jose Dominguez (Uy)

VICE-PRESIDENTE: Senador José Juan Bautista Pampuro (Ar)

VICE-PRESIDENTE: Senador Aloizio Mercadante (Br)

Secretaria: Câmara dos Deputados - Anexo II - Sala T/28 – 70160-900 Brasília – DF / Brasil
Fones: (55) 61 3216-6871 / 6878 Fax: (55) 61 3216-6880
e-mail: cpcm@camara.gov.br
www.camara.gov.br/mercosul

COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA - CCAI
(Art. 6º da Lei nº 9.883, de 1999)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Deputado Damião Feliciano*

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> HENRIQUE EDUARDO ALVES PMDB-RN	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> RENAN CALHEIROS PMDB-AL
<u>LÍDER DA MINORIA</u> ANDRÉ DE PAULA DEM-PE	<u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u> RAIMUNDO COLOMBO DEM-SC
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> DAMIÃO FELICIANO PDT-PB	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> EDUARDO AZEREDO PSDB-MG

(Atualizada em 21.10.2009)

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: 3303-4561 e 3303- 5258
scop@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccai

* O Deputado Damião Feliciano foi eleito Presidente da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional da Câmara dos Deputados, conforme Of. Pres. nº 288/09-CREDN, de 20.09.09, lido na sessão do Senado Federal de 21.10.09.



**PODER LEGISLATIVO
SENADO FEDERAL
SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA**

**DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
PREÇO DE ASSINATURA**

SEMESTRAL

Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – s/o porte (cada)	R\$ 58,00
Porte do Correio	R\$ 488,40
Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – c/o porte (cada)	R\$ 546,40

ANUAL

Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – s/o porte (cada)	R\$ 116,00
Porte do Correio	R\$ 976,80
Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – c/o porte (cada)	R\$ 1.092,80

NÚMEROS AVULSOS

Valor do Número Avulso	R\$ 0,50
Porte Avulso	R\$ 3,70

ORDEM BANCÁRIA

UG – 020055	GESTÃO – 00001
--------------------	-----------------------

Os pedidos deverão ser acompanhados de **Nota de empenho**, a favor do **FUNSEEP** ou fotocópia da **Guia de Recolhimento da União-GRU**, que poderá ser retirada no SITE: <http://consulta.tesouro.fazenda.gov.br/gru/gru-simples.asp> **Código de Recolhimento apropriado e o número de referência: 20815-9 e 00002** e o código da Unidade Favorecida – **UG/GESTÃO: 020055/00001** preenchida e quitada no valor correspondente à quantidade de assinaturas pretendidas e enviar a esta Secretaria.

OBS: NÃO SERÁ ACEITO CHEQUE VIA CARTA PARA EFETIVAR ASSINATURA DOS DCN'S.

Maiores informações pelo telefone (0XX-61) 3311-3803, FAX: 3311-1053, Serviço de Administração Econômica Financeira/Controle de Assinaturas, falar com, Mourão ou Solange.

Contato internet: 3311-4107

**SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
PRAÇA DOS TRÊS PODERES, AV. N/2, S/Nº – BRASÍLIA-DF
CNPJ: 00.530.279/0005-49 CEP 70 165-900**



Edição de hoje: 24 páginas

OS: 2009/18172